

MARTE VIVA

Director: VICTOR SOUSA

SEMANARIO

ANO II — N.º 75 — Preço 3\$50 — 15/12/77

DE SEMANA A SEMANA

De novo na encruzilhada

1. A actual crise política é, todos o dizem, uma coisa absolutamente normal em democracia. De facto, tudo se processou normalmente, dentro dos trâmites definidos pela Constituição. Mas «ser normal» não significa que «deva» forçosamente acontecer, como alguns parecem sugerir. Um Governo só cai quando não consegue dar resposta satisfatória à maioria da população, a todas aquelas pessoas que vivem exclusivamente do seu trabalho, sejam operários ou caixeiros, empregados de escritório ou electricistas, camponeses ou feirantes. Um governo só cai em democracia quando não satisfaz uma maioria. Porque, se não satisfaz apenas a minoria ligada ao capital, só pode cair pela força do golpe e da repressão. Se o Governo do PS tivesse consigo quem trabalha neste país, não teria caído. Pelo menos democraticamente...

2. Crise do Governo PS é, de alguma maneira, crise da Esquerda. Apesar de tudo, mesmo levando em conta

desvios e concessões acima do desejável (e por isso caiu o Governo...), o PS é uma força de Esquerda. Como tal deverá ser considerado, sob pena de um afastamento ainda mais profundo.

A Esquerda teve uma oportunidade de mostrar o que valia, numa altura bem difícil. Não o conseguiu de todo. Por isso, crise da Esquerda. É verdade que, desde o 25 de Abril, tem cometido alguns erros, como foi claro neste Governo PS, mas não só. Logo aparece quem, de cima da cátedra, dite sem apelo: «A Esquerda é incapaz, é incompetente. Será?»

3. Em primeiro lugar, o PS não é toda a Esquerda nem pôde contar, a partir de certo momento, com o apoio de todas as forças progressistas. Em segundo lugar, e convém não esquecer isto, a direita torpedou, sabotou, exigiu, ameaçou, pressionou. O Governo PS (que, apesar de tudo, é Esquerda) foi também vítima da reacção nacional e internacio-

continua na página 5

Barracas demolidas na Marinha

Segundo aquilo que prometemos no último número do nosso jornal, voltamos agora a este assunto. Ouvimos a população local, no sentido de inquirir de um modo mais concreto as razões da construção clandestina.

O bairro da Marinha, edificado há já algumas dezenas de anos à excepção de um bloco de 16 habitações, (construído após o 25 de Abril pela Comissão Administrativa da Câmara) deixou de poder satisfazer as necessidades da população local, se alguma vez o conseguiu efectivamente.

Surgiram assim situações bastante graves de pessoas que viram o seu agregado familiar aumentar, sem qualquer resposta no que diz respeito a número e dimensões das divisões das casas que habitam. Existem até casos concretos, e não são poucos, de dormirem no mesmo quarto indiscriminadamente pessoas dos dois sexos.

Algumas famílias optaram, em determinada altura pela construção de uns barracos em frente das suas casas e que serviam, nuns casos, de habitação, noutros de cozinhas e arrumos.

A actual legislação obrigou a Câmara Municipal a tomar medidas: alguns barracos foram demo-

lidos, uma vez que ocupavam a via pública.

Se tal medida veio agravar as condições de vida dos habitantes locais, não é menos verdade que os barracos não resolviam os seus problemas. Uma efectiva solução só o poderá ser se conseguir cortar o mal pela raiz, isto é, integrar a construção de casas nos moldes a que obriga a Constituição da República. Mas como este processo ainda demorará porque os problemas não se resolvem de um dia para o outro e porque há gente interessada em que as coisas não andem para a frente, há que tomar medidas que tornem humanas as condições de vida da população da Marinha.



LEIA
NA 5.ª PÁGINA
ALERGIA



TRABALHADORES MANIFESTAM-SE

...E no sábado lá estavam, indiferentes à forte chuva que caía constantemente. Mas que não conseguiu desmobilizar a combatividade dos trabalhadores do distrito de Aveiro, que com a sua presença em massa, no passado dia 10, em Ovar, responderam afirmativamente à convocação, pelas suas organizações de classe, da manifestação.

Aí demonstraram, uma vez mais, a sua disposição para, por um lado, defenderem as conquistas alcançadas e, por outro, renovarem os seus esforços para possibilitarem, eles que gritavam orgulhosamente que «Os Trabalhadores são a força da Nação», a saída de uma

crise em que todos estamos vivenciam-se firmes contra o céu cinzento: «Trabalho sim, Desemprego não», «O Custo de vida aumenta, o Povo não aguenta» (talvez as mais gritadas); «Avante, Avante, pela Reforma Agrária (a lembrar que o que se passava em Ovar era apenas um elo na grande cadeia de solidariedade e luta); «Democracia sim, Fascismo não», «Trabalhadores dizem não a governo da reacção» (a mostrar que os trabalhadores não esquecem e nunca esqueceram, ao contrário de alguns que, finalmente, se dizem preocupados com o avanço da direita, que é necessário «erguer uma forte bar-



«Os trabalhadores são a força da Nação»

do e de que se deseja sair, mas com os trabalhadores, não contra eles.

A concentração dos manifestantes teve lugar no Jardim da Estação e, debaixo de forte chuva, o desfile iniciou-se, em direcção ao largo fronteiro à Câmara Municipal. Nota-se a presença de muitas mulheres, ao lado dos companheiros ou sozinhas, algumas com os filhos ao colo ou pela mão, a demonstrarem também elas, que os trabalhadores querem ter uma palavra a dizer.

E as palavras de ordem desta-

reira à reacção»). E a afirmação constante de quem sabe o que vale a consciência de classe organizada: «Os Trabalhadores são a força da Nação», «CGTP — Unidade Sindical».

Os muitos cartazes empunhados pelos trabalhadores davam a perceber o grande acolhimento que teve a manifestação por parte das organizações representativas dos trabalhadores do distrito. Entre elas salientamos:

Comissão de Trabalhadores da Oliva, C. T. da F. Ramada, C. T. dos Serviços Municipalizados de Espinho, C. T. da Fábrica Progresso, C. Intersindical da Rabor, C. Intersindical da Toyota e os Sindicatos dos Papeleiros, dos Metalúrgicos, dos Corticeiros, dos Tapeiteiros e Cordoeiros, etc.

Na parte final desta jornada de luta, em que os trabalhadores manifestaram mais uma vez a sua elevada consciência cívica e nacional, houve concentração junto à Câmara, tendo tomado a palavra elementos das organizações ligadas à Comissão organizadora da manifestação.

NOTÍCIAS

NO LICEU:

MEDIDAS PARA EVITAR A ESCALADA FASCISTA

Conforme noticiámos no nosso último número, no liceu de Espinho tem-se assistido, com alguma frequência, à afixação de cartazes de conteúdo reaccionário e, por vezes, declaradamente fascista.

Numa tentativa de pôr termo a esses actos e suas consequências, as organizações juvenis do PPD (J.S.D.), CDS (J.C.) e PCP (PEC) estabeleceram um acordo, patrocinado pelo Conselho Directivo, em que se diz, nomeadamente:

«É permitida toda a propaganda política e publicitária, desde que não vá de encontro à Constituição Portuguesa».

O Conselho Pedagógico, formado por professores, pronunciou-se também sobre o assunto, tendo decidido:

A afixação de cartazes ou propaganda requer prévia leitura e anuência do Conselho Directivo.

Toda a organização juvenil apartidária que pretenda ser reconhecida como tal dentro deste liceu, deve apresentar ao Conselho Directivo requerimento onde defina os objectivos da organização. Esse requerimento deve ser acompanhado por um mínimo de 15 assinaturas.

Será constituída uma Comissão formada por um elemento da cada uma das organizações juvenis reconhecidas como tal e dois elementos docentes do Conselho Pedagógico, que será consultada pelo Conselho Directivo sempre que surjam dúvidas sobre o carácter provocatório de qualquer propaganda.

Toda a propaganda que não obedecer a estes requisitos será levantada por um elemento do Conselho Directivo.

A delicadeza do problema é evidente. E serão estas as medidas capazes de evitarem o agudizar de tensões sempre latentes e que alguns pretendem aproveitar para lançar a confusão e o espírito de caça a tudo o que é «esquerda»? Saliente-se que o Conselho Directivo passará a exercer um papel fiscalizador muito activo quase de censor. A custa de quê? Esperemos que não à custa da liberdade de expressão, desde que correctamente entendida.

LIMA BASTOS

ADVOGADO

Escritório:

Largo de Camões — Telefone 96281
VILA DA FEIRA

Residência:

Av. 24 n.º 245-1.º — Tel. 922904
ESPINHO

Mare Viva

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

Albertino Pinheiro, Ana Maria, António Letra, António Santos, Eugénio Morais, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Morais Gaio e Victor Sousa.

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S. C. R. L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

LOPES CARDOSO
EM ESPINHO

Na próxima 6.ª feira, dia 16, pelas 21,30 horas, realiza-se, no salão da Piscina, uma sessão de esclarecimento da Associação de Cultura Socialista-Fraternidade Operária.

Para além de outros elementos dos órgãos centrais da Fraternidade Operária, estará presente o eng. Lopes Cardoso, deputado independente e figura destacada dos meios progressistas nacionais.

A FESTA DOS MIÚDOS

Da iniciativa do MDM efectuou-se no passado dia 8 uma festa para crianças no salão nobre da Piscina de Espinho.

Do programa faziam parte as canções infantis, interpretadas por Fernando, por Manuel Dias e Luísa Nogueira e ainda a peça «O Rei com Crista de Galo», apresentada pelo Teatro Popular de Espinho-Coop. Nascente.

A petizada, que encheu a sala, mostrou-se particularmente alegre. Foi um dia que com certeza muitos não esquecerão.

JÁ HOUE JULGAMENTOS COM JURADOS

Conforme anunciaram previamente há já alguns meses, decorreu no Tribunal da Comarca de Espinho, nos dias 30 de Novembro e 2 de Dezembro, o primeiro julgamento local com intervenção de jurados. A instrução do processo já decorria há cerca de dois anos e a acusação pendia sobre António Pereira Pires, de 26 anos, por crime de estupro na pessoa de uma jovem que então contava 17 anos. Refira-se que a intervenção de jurados fora solicitada pelo réu.

Provados os motivos da acusação e ouvidos os jurados, o réu foi condenado à pena de 30 meses de prisão maior e ainda ao pagamento de 25 contos de indemnização à ofendida.

Sessão da Câmara Municipal

Realizou-se no passado sábado, dia 10, mais uma sessão ordinária da Câmara Municipal.

Entre os assuntos levantados, salientamos a comunicação do conteúdo de um despacho conjunto do Ministério da Administração Interna e do MEIC, em que se pede às Câmaras Municipais para que diligenciem no sentido de se arranjar salas onde possam funcionar classes de ensino pré-primário. A questão ficou em suspenso após se ter constatado a extrema dificuldade em se conseguir salas livres na nossa cidade. Quanto às freguesias ficou de se contactar as respectivas Juntas para serem elas a tentar resolver o problema.

AS OBRAS DA SOLVERDE

Três assuntos relacionados com o cumprimento do contrato de jogo e as obras a que ele obriga a Solverde, foram tratados na sessão.

O primeiro, liga-se com a construção do controverso pontão na Lagoa de Paramos. Posições contraditórias dos organismos competentes, (que, num caso defendiam a execução do plano global e noutro não o julgavam necessário), vieram complicar a posição da Câmara, que, como se sabe, pretende a integração do pontão no tal plano global, visando preservar os valores ecológicos locais. Espera-se uma definição mais concreta por parte dos organismos competentes.

O segundo assunto diz respeito à construção do bloco de habitações sociais na freguesia de Anta. Foi apresentado pela Solverde o projecto e verificou-se que este colidia com uma das vias de acesso prevista para o complexo desportivo. Ficou a comissão técnica de estudar a melhor maneira de resolver o problema.

Também o parque de campismo voltou a ser assunto, surgindo um problema pelo facto de ter sido comunicado por alguém ligado à Inspeção de Jogos que a Câmara poderia ter ultrapassado alguns entraves existentes (no que diz respeito, por exemplo, à desafectação dos terrenos da CP). Ficou esclarecido que a Câmara não tomou decisão nenhuma neste sentido, nem o poderá fazer, uma vez que não é da sua competência.



QUINTA - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

SEXTA - Grande Farmácia
Rua 19 n.º 457 — Tel. 920092

SABADO - Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

DOMINGO - Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331

SEGUNDA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

TERÇA - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

QUARTA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

FURTOS EM ESPINHO

Na passada semana a P.S. P. de Espinho, por diversos furtos praticados na nossa cidade, deteve Armindo de Oliveira Pocas e passou mandatos de captura a Fernando Crespo de Oliveira, morador no Bairro Piscatório, Domingos de Lomba Magalhães, «Pistolinhas», e Carlos Padeiro, ambos residentes em Silvalde, pelos mesmos motivos.

Terão diminuído os furtos em Espinho? As próximas semanas nos dirão.

PARQUE INFANTIL

Ficou assente que o parque infantil a construir pelo Lyon's Club ficará instalado na zona do Rio Largo. Embora não seja a solução ideal, por uma série de condicionalismos, ele irá servir um sector da população que não é, de modo nenhum, o mais favorecido o que é já, bastante positivo.

UTILIDADE PÚBLICA

Seguiu já o despacho que considera de utilidade pública os terrenos onde irão ser construídas pela Câmara habitações sociais, ao funda rua 33. A Câmara decidiu legar no seu Presidente, a competência para tratar do processo de aquisição.

CIMENTO

Decidiu o executivo encarar favoravelmente a proposta dos «Cimentos de Portugal», que se dispunha a vender 150 sacos de cimento ao preço de 59\$92 cada um.

ASSOCIAÇÃO DE PAIS OU ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DA ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE ESPINHO CONVOCATÓRIA

Para os devidos efeitos, que se passam a indicar, convocam-se os Srs. Associados componentes da Assembleia Geral, para reunir no Polivalente da Escola no dia 17 de Dezembro de 1977, pelas 16 horas.

ORDEM DE TRABALHOS

Apresentação, Discussão e Aprovação do Relatório e Contas.

Espinho, 7 de Dezembro de 1977

O Presidente da Assembleia Geral
José S. T. Pereira

J. Pinheiro de Moraes

CLÍNICA GERAL

Rua 20 n.º 390 - Tel. 920452



S. PEDRO

Dia 15, Quinta-feira

«Voltando aos Bons Tempos»

M/ 14 anos

Reviver os êxitos musicais dos anos 50 nos Estados Unidos e que tiveram consequente repercussão em todo o mundo, é a finalidade deste filme que simultaneamente documenta toda uma época nos mais diversos aspectos.

Dia 16, Sexta-feira

«Vozes do Além»

M/ 18 anos

Já estreado há alguns anos, continua a merecer a atenção de todos aqueles que têm este tipo de filme como género preferido. Para que não lhe falte nada, Peter Cushing está presente. Em suma, um «suspense» digno desse nome.

Dia 17, Sábado

«Sugar Colt»

M/ 10 anos

Este uso e abuso de recorrer ao material já na prateleira, irrita-nos particularmente. Se houvesse falta, vá lá, até se compreendia. Mas isto não se justifica, já que anda por aí muita coisa má por «estrear».

Dia 18, Domingo

«Lepke - o Assassino»

M/ 18 anos

As figuras de destacados membros da «Mafia», no tempo em que andavam de «cara à mostra», têm sido tema para as mais desiguais abordagens em cinema. Nesta, haverá a salientar que não se fica pela apresentação fria das personagens, mas sim pelo que está por detrás de cada uma.

Dia 20, Terça-feira

«Serenata à Chuva»

M/ 6 anos

Certamente, uma das maiores obras de sempre do filme musical. Todo o esplendor do ritmo, do bailado e da coreografia, posto em cinema pela mão magistral de Stanley Donen e pela colaboração indispensável de Gene Kelly.

Todas as potencialidades da M. G. M., da época, foram postas à prova nesta produção, o que resultou plenamente em tudo aquilo que seria de exigir dentro do género. Portanto a não perder.

(Quem nos ler, ficará a pensar que tiramos este texto da propaganda do filme. Não, caro leitor, no caso, até é mesmo assim. Acredite.)

NOGUEIRA DA REGEDOURA

AUTO - ESTRADA :
POUCOS PROGRESSOS

A questão do corte da estrada Souto-Pousadela pela futura auto-estrada Porto-Lisboa continua a arrastar-se sem se ter ainda chegado a uma solução de contempe os legítimos interesses da população nogueirense. Temos seguido atentamente o desenrolar dos acontecimentos e por isso os leitores estarão ao corrente do modo como a população foi despertada já tardiamente para a iminência do corte da estrada que liga aqueles dois importantes aglomerados populacionais de Nogueira, do seu descontentamento em relação à actuação da Junta e da posterior reconciliação, com vista a procurar-se ainda uma solução.

As duas primeiras Assembleias de Freguesia, donde saiu uma comissão encarregada de tratar do assunto junto das entidades competentes, seguiu-se uma terceira Assembleia, onde esta Comissão deu conhecimento dos resultados das suas diligências.

Foi informado que a empresa BRISA, concessionária da Auto-estrada, não poderia construir a ponte sobre a estrada Espinho-Picoto (já prevista) e simultaneamente construir outra sobre a estrada Souto-Pousadela, pelo que se teria de optar por uma ou por outra.

O presidente da Junta de Freguesia declarou entretanto que na sua opinião a ponte sobre a estrada Souto-Pousadela deveria ser sacrificada, o que causou grande controvérsia entre a população presente



e os ânimos exaltaram-se tanto que, durante um longo período, não foi possível tratar-se do assunto com a serenidade necessária. Finalmente, já no dealbar da sessão e com o ambiente de calma restabelecida, foi possível nomear uma nova comissão, mais restrita, com a Junta e mais alguns nogueirenses, que ficou encarregada de ir contactar directamente o Governador Civil de Aveiro.

Esta nova comissão não veio a seguir o exemplo da primeira comissão que dava a conhecer à população o resultado dos seus esforços e daí que se ignore concretamente o que se terá avançado. Sabe-se apenas que o Governador Civil se mostrou sensibilizado para o problema e que, entretanto, a solução mais possível e viável estará na construção de uma ponte exclusivamente para peões, que seriam sem dúvida os mais prejudicados pelo corte.

Pena é que pouco mais saiba a população nogueirense, dado o carácter centralizador e reservado que as mais recentes diligências têm tido.

NOTÍCIAS

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Na Câmara Municipal de Espinho realiza-se no próximo dia 16, sexta-feira, pelas 21,30 horas, uma sessão extraordinária da Assembleia Municipal com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Eleição pela Assembleia do Presidente da Junta de Freguesia do nosso Concelho que fará parte da Assembleia Distrital de Aveiro.

2 — Deliberação pela Assembleia do número de vereadores a tempo inteiro.

3 — Apreciação e aprovação pela Assembleia dos acessos aos nós da variante à E. N. 109.

4 — Constituição do Grupo de Trabalho com vista à revisão do Regimento da Assembleia tendo em conta a Lei 79/77 de 25 de Outubro.

COLÓQUIO DA CERC

Com a presença de mais de uma centena de pessoas, realizou-se no passado dia 6 um colóquio promovido pela CERCIESPINHO.

Na intervenção de abertura, o Presidente da Câmara, Sr. Artur Bártolo, referiu-se ao papel de extrema importância que tem no nosso tempo o ensino especial para crianças atrasadas. O capitão Rocheta, um dos principais promotores da CERC, apresentou em seguida um relatório de actividades e teceu algumas considerações em torno dos projectos existentes e da sua concretização.

Foi depois apresentado um filme, comentado pela Dr. Cristina Louro, que se referiu também aos variados aspectos que integram o ensino especial.

Intervieram ainda os Drs. Evaristo Fernandes e Agostinho Pedrosa, este último sobre a influência do alcoolismo, higiene e gestação no aparecimento de casos de deficiências físicas e mentais nas crianças.

CONFRATERNIZAÇÃO DOS B. V. ESPINHENSES

No passado dia 10, realizou-se um jantar de confraternização dos Bombeiros Voluntários Espinhenses, integrado nas comemorações do cinquentenário daquela Associação Humanitária.

Estiveram presentes cerca de 120 pessoas, com inclusão da Direcção, do Corpo Activo, dos componentes da fanfarra, sócios, colaboradores e outros amigos dos Espinhenses.

Entretanto, no próximo dia 1

SILVALDE

«PORTA VOZ»

Recebemos o segundo número do recém criado «Porta Voz», publicação mensal editada por um grupo de silvaldenses adjunto à Junta de Freguesia. Dedicada à sua freguesia e prometendo assim adquirir a regularidade que se deseja.

Desta feita, para além de vários noticiários, destacam-se pelo seu interesse uma reportagem sobre a situação da indústria têxtil com grande implantação em Silvalde, uma entrevista com um elemento da Comissão de Pais das Escolas da Freguesia e uma reportagem sobre o Conselho Desportivo de Silvalde, onde muitos pensam poder vir a assentar o desenvolvimento efectivo da actividade desportiva na Freguesia.

LAMAS

DOIS TEXTOS

Do sr. A. Pinho, de Moselos, recebemos dois textos, com pedido de publicação, em que se abordam questões que dizem respeito à freguesia de Santa Maria de Lamas.

A extensão desses dois textos e o desconhecimento das circunstâncias que rodeiam os casos apontados, impedem-nos de cumprir imediatamente o desejo do nosso leitor de Moselos.

Adiantamos entretanto que num dos textos se critica um artigo publicado no jornal «União» pelo sr. José Melo e em que, do ponto de vista do nosso leitor foi tratado incorrectamente o caso de algumas famílias moradoras atrás da Capela de Moure, que a 13 de Outubro, numa Assembleia de Freguesia, reivindicavam o arranjo dum acesso às suas casas.

No segundo texto, a crítica é dirigida ao correspondente de Santa Maria de Lamas do jornal «Correio da Feira», que mereceu as censuras do nosso leitor pelo modo como se referiu, nomeadamente, a uma eventual recusa dos pais de três crianças em consentirem o seu internamento hospitalar.

Logo que esclarecidos quanto às circunstâncias que rodearam os casos apontados, não nos escusaremos a dar-lhes o tratamento desenvolvido que merecerem. Para o que será necessário, naturalmente, um contacto com o nosso leitor A. Pinho.

LEIA E CRITIQUE

MARÉ VIVA

de Janeiro, data do aniversário, serão inaugurados em sessão pública o Posto Médico dos B. V. E. e uma nova ambulância. Três outros carros (2 oferecidos pelo Exército e outro comprado e arranjado pelo Corpo Activo) virão enriquecer brevemente o património dos Espinhenses, sendo no entanto pouco provável a sua apresentação no mesmo dia.

Ainda em referência ao jantar de confraternização, «Maré Viva» agradece o convite que lhe foi dirigido.

Academia de Música - (Secção Infantil)

No próximo dia 17, os pequeninos alunos desta secção encerrarão o seu 1.º período de actividades, com uma significativa festa de Natal. Além de cânticos alusivos à quadra natalícia, danças e representações mimadas, é-lhes dada a colaboração do Grupo de FFantoches da NASCENTE.

Eleições nos Metalúrgicos de Aveiro

Realizam-se nos próximos dias 20 a 24 as eleições para os Corpos Gerentes do Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Aveiro, sito em Riomeão.

Concorrem 3 listas.

A lista A, apoiada pela actual Direcção, «resulta duma vontade firme de garantir que se mantenha à frente dos destinos do nosso sindicato uma Direcção que defenda sem rodeios os interesses dos trabalhadores, contra o patronato, é uma candidatura por um sindicato na defesa das conquistas dos metalúrgicos».

Nesta perspectiva, a lista A propõe-se a:

— defender a existência de um sindicato democrático, em que não só se aceita como se exige a participação franca de todas as correntes sindicais;

— lutar pela unidade do movimento sindical organizado numa central sindical única, onde todos os trabalhadores sem excepção possam discutir todos os problemas;

— lutar conscientemente por

melhores condições contratuais;

— pugnar pelo rigoroso cumprimento do texto constitucional, exigindo a análise constante e participação dos trabalhadores na elaboração de toda a legislação do trabalho;

— defender o direito ao trabalho e lutar contra os despedimentos;

— desenvolver reuniões e plenários com os sócios de todos os sectores;

— ajudar e organizar o apoio à luta das cooperativas e empresas em auto-gestão.

A lista «B», unitária, foi proposta por cerca de 2.000 trabalhadores do sector e é constituída quase na generalidade por Delegados Sindicais que entendem que «só na base de uma grande democracia interna das estruturas sindicais será possível unir os trabalhadores na defesa dos seus interesses».

Concorrendo sob a sigla pela unidade contra o oportunismo, a lista «B» apresentou aos trabalhadores Metalúrgicos um pro-

TRABALHO

grama no qual, se propõe, entre outros:

— Participar activamente dentro das estruturas unitárias do Movimento Sindical, definidas nos estatutos, Federação dos Metalúrgicos, CGTP/IN, União Distrital e Uniões Locais;

— Alargar e organizar a estrutura dos Delegados Sindicais;

— Levar à prática Plenários nas empresas, reuniões de zona para Delegados e trabalhadores em geral, reuniões gerais de Delegados e Assembleias Gerais, como forma de esclarecimento e mobilização dos trabalhadores dentro das empresas;

— Lutar pela liberdade de Contractação Colectiva;

— Lutar pelo direito ao trabalho;

— Lutar pela defesa dos interesses da mulher trabalhadora;

— Lutar por uma vida digna para os reformados e deficientes sinistrados;

— Lutar por uma previdência e segurança social ao serviço dos trabalhadores;

— Pela participação da juventude na vida sindical;

Relativamente à Contractação Colectiva, depois de referirem que as leis publicadas a partir da final de 1975 e particularmente no início deste ano praticamente determinaram o congelamento da contractação, a lista «B» propõe-se lutar, nomeadamente:

— Pelo descongelamento e liberdade de contractação colectiva;

— Pela entrada em vigor dos CCT a partir do termo da vigência dos anteriores;

Concorre ainda a lista «C», de que contamos fornecer igualmente as bases programáticas, no nosso próximo número.

TAPETEIROS

A IMPUGNAÇÃO DAS ELEIÇÕES

Conforme referimos num dos últimos números, realizaram-se no passado dia 30 de Outubro as eleições para o Sindicato dos Tapeteiros, Cordoeiros e Redeiros do Centro com sede em Cortegaça, tendo vencido a lista «A», Unitária, com cerca de 800 votos, contra menos de uma centena da lista «B».

Entretanto, a lista vencida tenta impugnar as eleições por pretensas irregularidades cometidas pela anterior Direcção. A este propósito falámos com um dos elementos dos actuais Corpos Gerentes que depois de nos referir terem sido empossados no passado dia 7 de Novembro nos afirmou:

— que a lista Unitária era uma lista independente que não tinha nem tem nada a ver com a anterior Direcção;

— que é perfeitamente ridícula qualquer tentativa de impugnação de um acto eleitoral em que os trabalhadores votaram massivamente na lista vencedora;

— que a atitude da lista vencida «afecta aos divisionistas da Carta-Aberta» depois da resposta que receberam dos trabalhadores, visa boicotar a vida e o funcionamento do Sindicato.

— que os actuais Corpos-Gerentes irão desenvolver o seu trabalho no sentido de cumprirem o programa com que concorreram às eleições, reestruturando a organização e funcionamento do Sindicato, dinamizando a actividade sindical através de Assembleias de Empresa, de Delegados sindicais e Assembleias Gerais para discutir os problemas da classe e reforçar a sua unidade.

Crédito Agrícola

Tendo em vista uma progressiva descentralização que proporcione maior rapidez e comodidade na utilização dos serviços da Caixa, todos os assuntos relacionados com os novos pedidos de crédito para agricultura e pecuária nos distritos de Aveiro e Porto são tratados, a partir de 12 de Dezembro, nas seguintes dependências:

FILIAL EM AVEIRO

Rua do Clube dos Galitos, 9

AGÊNCIAS EM:

Águeda, Anadia, Arouca, Castelo de Paiva, Espinho, Estarreja, Murto, Oliveira de Azeméis, Ovar, S. João da Madeira, Sever do Vouga e Vila da Feira.

FILIAL NO PORTO

Av. dos Aliados, 106 e Rua 31 de Janeiro, 75

AGÊNCIAS EM:

Amarante, Felgueiras, Gondomar, Matosinhos, Paços de Ferreira, Penafiel, Póvoa de Varzim, Santo Tirso, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Nós e o Leitor

Porque considero que esse jornal se preocupa com os problemas do povo explorado, trago ao conhecimento de V. Ex.^a para lhe dar o tratamento que melhor entender, o seguinte:

Em tempos, ainda no regime fascista contra que lutei activamente, como provam as prisões que me foram impostas, fui isento do pagamento da taxa de televisão, aparelho que me foi oferecido por um filho e que, apesar dos programas não serem o que eu desejaria ver, é no entanto uma das poucas formas de passar o tempo, dada a impossibilidade de me movimentar por motivos de saúde.

Sou agora, na vigência de um governo que se diz socialista e se obrigou a cumprir uma Constituição que indica inequivocamente o caminho para o SOCIALISMO, surpreendido com uma carta da Emissora Nacional de Radiodifusão, onde me é participado que a situação actual do meu agregado familiar, dentro do condicionalismo presente, não permite que continue a usufruir da regalia da isenção e que me vai ser remetido o livrete para pagamento do 2.^o semestre de 1977.

Esta decisão afigura-se-me altamente injusta, dada a situação real do meu agregado familiar e porque irá afectar certamente muitos outros em situação semelhante à minha.

Com efeito, sou um cidadão com 79 anos de idade, reformado, pai de 12 filhos todos felizmente com vida independente, paralisado do braço direito e perna, o que me retém imobilizado há cerca de 5 anos, vivendo com a minha esposa de 68 anos de idade.

Os nossos únicos proventos são a minha reforma, que com um subsídio atribuído à minha esposa por me tratar atinge o valor de 3.690\$00. Os encargos são os de qualquer família, como a renda de casa, água e luz, alimentação, medicamentos, etc, sendo de referir que só a renda são 800\$00.

Em face do que ficou exposto ocorre-me perguntar a quem possa responder:

a) Será com acções como esta que o Governo pensa demonstrar a sua preocupação de resolver os problemas dos reformados como tem afirmado repetidamente?

b) Será que os aumentos concedidos na vigência do actual Governo (que já nem fazem face ao aumento do custo de vida neste curto período) justificam a mudança de atitude relativamente às taxas da R. T. P.?

c) Ou será que é este o processo caricato que o Governo encontrou para o ajudar a resolver a crise económica com que se debate e tem agravado a vida do povo cada dia que passa?

Manuel Casal Ribeiro

APROVEITE O NATAL

Ofereça uma assinatura do «Maré Viva» (180\$00)



Ronda pela NASCENTE

Como exemplo do trabalho que se faz hoje na Nascente, com todas as suas dificuldades e frustrações, mas também com toda a sua riqueza de experiências e de vontade de avançar, trazemos às nossas páginas o depoimento de alguns

elementos do Teatro Popular de Espinho da Cooperativa Nascente. Numa conversa informal e breve, sem o âmbito de entrevista em que se focassem todos os aspectos, foi-nos dita alguma coisa do muito que há a contar.

António Paiva — Neste momento o nosso trabalho concretiza-se em quatro peças, duas já em cena («Um dia memorável para o erudito sr. Wu» e «O Rei com Crista de Galo») e duas em fase de preparação («A Farsa do Mestre Pathelin» e «O Retábulo das Maravilhas»). Este trabalho intenso é prosseguido por um grupo de mais de 40 jovens, todos trabalhando na condição de amadores.

Toda esta actividade tem as suas regras próprias, que o grupo tem vindo a definir face às situações concretas com que se tem visto confrontado ao longo da sua já relativamente longa existência, quase sempre em difíceis condições.

João Maia — Entre essas regras, salientamos a criação de pequenos grupos, que se formam e alteram de acordo com as necessidades concretas postas pela encenação de cada peça. Isto per-

mite um maior aproveitamento das capacidades e é, aliás, quase imposto pelas condições em que trabalhamos, as quais nos impedem de pensar em encenações que exijam grandes meios técnicos e espaços amplos para ensaios ou para a realização de espectáculos.

A. Paiva — Sim, porque se é certo que nós poderíamos utilizar para os nossos espectáculos em Espinho um palco de dimensões razoáveis, já o mesmo se não passa quando vamos actuar em aldeias. Aí, as condições são em geral ainda piores, demonstrando bem o abandono e o ar improvisado e acanhado com que as coisas ligadas à cultura sempre foram encaradas, mesmo quando alguma coisa se fez.

Manuel Loureiro — Ainda quanto às normas que orientam o nosso trabalho, podemos acrescentar

continua na página 6

ALERGIA

Ele tinha um horror, uma repulsa incontida, uma aversão exacerbada, aos odores poucos conviáveis, aos maus cheiros. Era, pode-se dizê-lo sem receio de errar, alérgico aos maus cheiros. Há quem não goste de polvo, quem abomine a canela, quem não suporte a presença dum gato, mas ele, originalmente, tinha horror aos maus cheiros.

Naquela manhã, ele estava bem disposto. Tinha inundado o quarto de meia dúzia de desodorizantes ultra-eficazes, despejando um frasco de água-de-colónia e lavado o boca com quatro pastas de dentes diversas a fim de poder neutralizar os incómodos odores. Enquanto dava o nó da gravata cor de laranja pensava na sua vida, na sua carreira quase exemplar, na sua eterna luta por princípios são, escorreitos, sem maus cheiros. Nunca tinha pisado os detritos que se lhe deparavam no caminho, denotando possuir uma elevadíssima gama de conhecimentos no campo da higiene. Pena era que, como a maioria dos génios, ainda não lhe tivessem reconhecido todas as suas capacidades, a sua tendência natural para governar os destinos da localidade que lhe tinha servido de berço. Mas, ele subia calmamente, os degraus que o conduziram à consagração final. As suas actividades literárias e oratórias eram vastas e profundas. Na estante que cobria a parede do seu escritório viam-se as suas obras mais significativas: «Gases rasteiros: a praga da humanidade», «Odor corporal: a luta continua», «Como eliminar as teias de aranha», «Detritos orgânicos: como não pisá-los», «Tese da política, política», «As ferradelas», «A partidarite da política partidária», «As várias facetas do fedor», entre outras.

Já na rua, quando tentava respirar o ar puro da manhã, um trauseunte deixa escapar um venenoso gás rasteiro que feriu violentamente as suas potentes narinas. Incomodado esbarra com uma senhora de vigoroso mau hálito que o faz recuar até ao poste telefónico, onde um cão urinava calmamente. Cambaleando, procurando fugir dos maus cheiros, tentando vislumbrar um oásis naquele reino de fedorentos odores, tropeça numa vulgar e miserável casca de banana, descreve uma órbita original e circense, fazendo voar a pasta de pele de crocodilo, estatelando-se espalhafatosamente num volumoso detrito inorgânico, de profundo mau cheiro. Ele que sempre foi alérgico a porcarias!

De Semana a Semana

continuação da página 1

nal que ultimamente tem mostrado as garras com ar tão desavergonhado que até revolta!

Em terceiro lugar, não temos dúvidas de que, com o PPD ou o CDS no Governo, tudo teria sido ainda pior e mais irremediável para o povo deste país.

4. Seria forçoso que tudo acontecesse assim?

Certamente que não. Já se sabia que a direita ia pressionar, exigir, tentar o golpe. Das duas uma: ou se resistia, procurando o apoio de toda a Esquerda e enfrentando o que desse e viesse, ou se entrava num jogo de apaziguamentos e concessões. Optou-se pela segunda. Esqueceu-se que a direita nunca se satisfaz; quer sempre mais, como hoje se vê. Agora, quer a cabeça do próprio Partido Socialista. Direita «mal-gradecida»? Não. Simplesmente direita, tal qual é, sem difarces.

A primeira hipótese, a de resistir na unidade das forças de-

mocráticas e progressistas, perdeu-se. E perdeu-se numa altura em que seria relativamente fácil mobilizar a população portuguesa para a resistência, mesmo com sacrifícios. Os sacrifícios aceitam-se quando se vê sem ambiguidade um futuro melhor.

Hoje, essa mobilização é talvez mais difícil. Mas é possível. A medida que a direita investe, a Esquerda ver-se-á a cerrar fileiras; companheiros no combate de outrora irmão, talvez com surpresa, encontrar-se de novo lado a lado. Se assim for, a Esquerda provará que aprendeu a lição e que não se pode negociar com quem apenas espera oportunidade para a vigarice.

Mais grave do que errar é permanecer no erro. Sobretudo agora, que a Esquerda bateu com a cabeça na parede e viu como ela era dura. Seria suicídio tentar repetir o mesmo caminho. Sobretudo quando há outro, cada vez mais aberto.

Ronda pela NASCENTE

tar que estamos novamente a discutilas e isto porque tem havido uma notória evolução no grupo, quanto ao número de elementos e mesmo no que se refere à reflexão sobre o trabalho que temos vindo a desenvolver. Com isto pretendemos que cada um tenha sempre uma ideia concreta daquilo que anda a fazer e que o trabalho de formação pessoal prossiga com cada vez maior intensidade.

M. V. — Em que medida é que os processos de trabalho que o T.P.E. adopta para o levantamento das peças reflectem essas ideias que acabam de expor ?

A. Paiva — Para nós é importante que, mesmo havendo um responsável pela encenação de determinada peça o trabalho seja o mais possível assumido colectivamente. Até por isso, praticamos uma grande divisão de responsabilidades, a ponto de quase todos terem tarefas específicas, para além do trabalho concreto do actor.

J. Maia — «A Farsa do Mestre Pathelin» está a ser encenada colectivamente, o que dará a todos os elementos uma boa experiência. E essa experiência será tanto mais importante quanto é certo que nesta peça, e o mesmo se passa noutras, estão a trabalhar pessoas que vivem nas freguesias em volta de Espinho, as quais poderão depois facilitar, de várias maneiras, a descentralização das nossas actividades, dentro, aliás,

continuação da página 5

da linha que a Nascente defende.

De salientar que na sequência dos esforços que está a fazer para acompanhar qualitativamente o desenvolvimento do trabalho em progresso, o T.P.E. tenta agora criar uma oficina onde se construirão os dispositivos cénicos e se farão experiências de montagem de luz e som. Por outro lado, estão a ser lançadas as bases para a formação de uma biblioteca especializada sobre teatro. Mas tudo isto no meio de grandes dificuldades, como nos contam :

M. Loureiro — As dificuldades com que lutamos são, sobretudo, de ordem material, pois que a nível humano o grupo não tem grandes problemas. Faltam-nos pelo menos duas salas de dimensões razoáveis, onde se possa ensaiar com algumas condições. Não temos sequer onde guardar convenientemente o material. Além disso, se houvesse mais pessoas com experiência para coordenar o trabalho dos vários grupos, isso também seria muito vantajoso. Aliás, é para nós claro que os problemas que temos de enfrentar reflectem a falta de apoio às actividades culturais que se nota a nível nacional.

A. Paiva — Bastará dizer que que não temos qualquer tipo de material de som, estando a fazer-nos muita falta um bom gravador. Quanto ao material de lumi-

nação, a maior parte tem sido feito por nós, com todas as deficiências naturais e que vão imediatamente afectar a qualidade do nosso trabalho. O FAOJ tem-nos prestado apoio económico, mas precisaríamos de mais para resolver os nossos problemas.

J. Maia — A falta de dinheiro revela-se em muitos casos concretos. Na montagem do «Erudito sr. Wu» gastámos 10 contos. Mas se pudéssemos desenvolver as ideias que tínhamos esse dinheiro teria sido gasto só na confecção do guarda-roupa. Isto para dizer que a falta de dinheiro é um forte condicionante à nossa actividade e à qualidade do trabalho acabado.

A. Paiva — Tudo isso, e também a falta de tempo de amadores que somos, nos impede, por vezes, de elevarmos as peças que apresentamos ao nível que gostaríamos e de que nos sentimos capazes. Mas as realidades das condições a que estamos submetidos acabam, quase sempre, por tornar inviáveis as ideias que temos, levando-nos a limitar o nosso trabalho e a ambição de fazer o melhor de que nos sentimos capazes.

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

ESPINHO

Stand SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total

Agente: SACHS SIS — EFS

Tel. 9620675 — SERZEDO

V. N. DE GAIA

RESTAURANTE KATKERO

R. 15 n.º 270 — Tel. 922856

ESPINHO

Um local aprazível,
um serviço esmerado

Serviço de
Restaurante e Banquetes

Quiosque Subterrâneo

Jornais - Revistas - Tabaco

A SUA MÃO

na passagem sob a via férrea

A MODELAR

ÓPTICA — RELOJOARIA
OURIVESARIA — OFICINAS

Rua 16 — Mercado Municipal
ESPINHO

MARÉ VIVA

INTERESSA A TODOS

DR. CASTRO REIS

ESPECIALISTA PELA O. M.
DOENÇAS DOS OLHOS
ORTÓPTICA

RUA 16 N.º 250 - 1.º - ESQ.
TELEFONE 922470 — ESPINHO

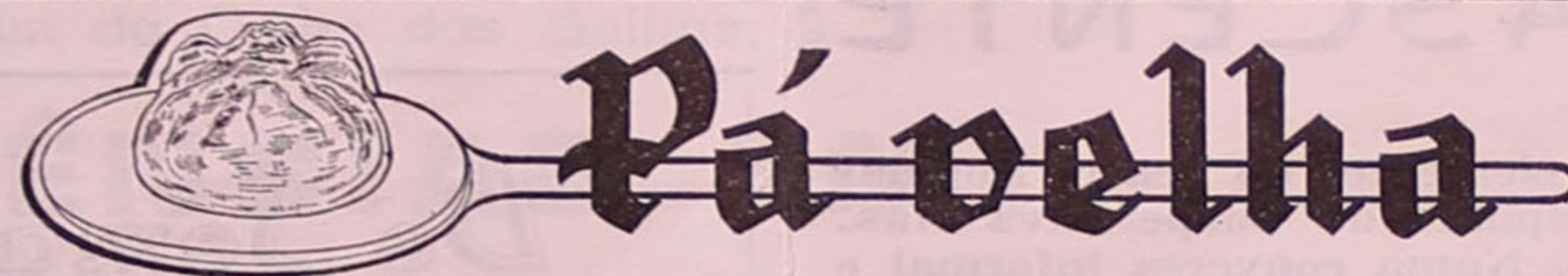
CONCORDE - Agência de Viagens e Turismo

PASSAGENS — PASSAPORTES — TURISMO — AUTOMÓVEIS DE ALUGUER
RESERVAS DE HOTEIS — BILHETES DE COMBOIO — EXCURSÕES

AGENCIAS EM AVEIRO — ILHAVO (Sede) — AGUEDA

ESPINHO

RUA 12 n.c 628 — TELEFONES 921941 e 921285 — APARTADO 114



Confeitaria * Charcutaria

Especializada em **caladinhos - raivinhas - fogaças** (fabrico diário)

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

Filomena Maia Gomes

— ADVOGADA —

ESCRITÓRIO

Rua 31 de Janeiro, 45-2.º — Tel. 21939
PORTO

Rua 19 n.º 343, 1.º-Sala E — Tel. 922954
ESPINHO

Talho e Charcutaria

CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

CAFÉ E RESTAURANTE

COPELIA

Almoços e Jantares
Serviço à lista

Especializado em
Casamentos e Baptizados
Grande variedade de
Petiscos

Rua 23 n.º 808 — ESPINHO

TELE-ROCHA

Electrodomésticos — Rádio e TV — Sonapgás
Instalações Eléctricas — Canalizações — Móveis e Decorações
Assistência Técnica em todo o material

Estabelecimentos: Rua 18 n.º 988 — Rua 31 n.º 469
Oficina: Rua 31 n.º 414 — Armazém: Rua 16 n.º 1005
Telefs. 920977 e 920325 — ESPINHO

PNEUS CAR

Centro de venda de pneus nacionais e estrangeiros
e assistência técnica

NÃO ESQUEÇA PNEUS CAR!

Rua 18 n.º 1010 ESPINHO

CASA RAICA

Modas e Confecções

RUA 62 N.º 101

ESPINHO

Espinho, 2 - F. C. Porto, 2

Primeiro, o medo; depois o desrespeito

S. C. Espinho — Gaspar; Coelho, Gonçalves, Raul e Amaral; João Carlos (Carvalho, aos 65 minutos), Manuel José e Acácio; Mória (Malagueta, aos 57 minutos), Reis e Canavarro.

F. C. Porto — Fonseca; Gabriel, Simões, Freitas e Murça (Teixeira, aos 60 minutos); Rodolfo, Celso e Oliveira (Ademir, aos 80 minutos); Seninho, Duda e Gomes.

Passe o prestígio do Benfica e do Sporting, está visto que é o Espinho-Porto o jogo do ano cá na terra. Porque os portistas trazem consigo uma boa parte das Antas e porque é já longa e cheia de peripécias a história que liga os dois clubes. Com o piso impecável depois do dilúvio da véspera, a assistência encheu a recentemente reforçada lotação do Avenida. Encheu, mas não transbordou como aconteceu há três anos, talvez pelo tempo que ameaçava chuva (e até nem choveu), um pouco também pelo empate do Porto com o Boavista que terá esfriado a vontade de viajar dos portistas menos ferrenhos.

O Espinho entrou da pior maneira. De gatas. Não acreditando em si próprio, vergado ao peso da responsabilidade do jogo e do valor do adversário, sem acertar e talvez dando uma ideia errada de facilidade ao Porto. E o Porto, claro, ia jogando, submetendo uma equipa que, se jogasse sempre como naquela primeira parte, ia nesta altura atrás do Portimonense. O Porto ia jogando, mas sem marcar... E ironia: o Espinho marcou, sem ter ainda jogado.

Foi assim: à meia hora Mória correu pela direita, travou e passou (até que enfim...) a João Carlos, que vinha atrás. Este meteu no miolo da área, onde estava Reis metido no meio dos centrais. Só REIS pareceu adivinhar o passe, saiu da guarda e apareceu ali sozinho a bater Fonseca.

Os azuis e brancos acharam que foi fora-de-jogo, protestaram, mas cá para nós só o «replay» podia dar a palavra final.

Mas o Porto não tremeu. Foi, pelo contrário, o Espinho que ficou ainda pior. Com o árbitro Bailão a marcar falta sempre que um portista escorregava, o Espinho lá ainda «aguentando o barco», com violência à mistura. Dum dos livres, acabou por vir naturalmente o empate, com a cabeça de DUDA a emendar. Daí até ao intervalo foi só um bocadinho.

Do fim do intervalo ao segundo golo do Porto foi outro bocadinho. Seninho fugiu pela direita e meteu na área, onde apareceu GOMES a

torneir Gaspar e a fazer o 2-1. Os portistas pensaram que a coisa estava feita e que dali até ao fim não era preciso suar muito. E estamos mesmo em crer que só no fim terão descoberto que afinal era preciso suar mais um bocadinho.

É que estava visto que só a perder o Espinho se resolvia jogar. Foi o que aconteceu. O Porto começou a defender e o Espinho a atacar. E a transfiguração dos locais acentuou-se ainda mais com a entrada de Carvalho, que rendeu João Carlos esgotado e começou a carrilar pela direita quase todo o jogo ofensivo. Ainda por cima Murça teve de sair e o sector recuado esquerdo dos visitantes começou a claudicar. É que o Teixeira não tapava, como Murça, os buracos que Freitas abria e que lhe devem dar uma grande parte da responsabilidade dos enfartes de miocárdio que volta e meia aconteceu lá pelas Antas. Na esquerda do ataque da casa, nada de novo, antes pelo contrário, porque Malagueta entrou sem a confiança e a rotina necessárias para aquele jogo.

Mas sim, o Espinho crescia a olhos visto. O Reis falhou um golo, depois falhou outro, o Canavarro não quis ficar atrás, mas Pedroto não se preocupou muito e deu-se mesmo ao luxo de enfraquecer o seu meio campo com a saída de Oliveira. O Porto passou a viver do contra-ataque criando algum perigo e houve até um penalty de Gaspar sobre Seninho que, a ser marcado, podia ter resolvido o jogo. Só que Seninho não caiu (perdeu tempo de remate com o toque de Gaspar) e o sr. Bailão só marcava quando via alguém no chão.

Já estava muita gente a fugir aos aglomerados da saída quando veio o empate em que o Porto nunca pareceu acreditar. Carvalho (que saúde física!) rematou, do lado direito, Fonseca defendeu para o outro poste e apareceu do outro lado MALAGUETA, de quem ninguém se lembrava, a rematar rasteiro para o poste contrário, mas na parte de dentro.

Já nem foi preciso gritar «olha a hora» porque aquilo acabou ali mesmo. Em festa para Malagueta (precisa de entrar mais vezes), para o Espinho e espinhenses e com um sabor a vitória, dadas as circunstâncias em que se arrancou o ponto. Do outro lado, a sensação inevitável de derrota e um castigo para a sobrançeria que nem a classe de alguns jogadores do Porto justifica. Porque nisto de futebol não há equipas batidas pela auto-confiança das outras.

E já agora: quem vem ganhar ao Avenida? Fazem-se apostas...

DES POR TO RESULTADOS

Voleibol

Campeonato Regional da 1.ª Divisão Masculino

S. C. E., 0 — S. Mamede, 3

Campeonato Regional da 1.ª Divisão Feminino

A. A. E., 3 — Desp. Póvoa, 2
S. Mamede, 2 — A. A. E., 3

Campeonato Regional da 3.ª Divisão

A. A. E., 3 — Milheirós, 2
Sp. Esmoriz, 2 — A. A. E., 3

Campeonato Regional de Juniores Feminino

CDUP, 0 — S. C. E., 3
S. C. E., 3 — Rio Tinto, 0

Campeonato Regional de Juniores Masculinos (Fase Final)

A. A. E., 1 — Milheirós, 3
Milheirós, 1 — S. C. E., 3

Campeonato Regional de Juvenis (Fase Final)

Esmoriz, 3 — S. C. E., 2
A. A. E., 1 — Gueifães, 3
S. C. E., 0 — Porto, 3
Leixões, 3 — A. A. E., 1

Campeonato Regional de Iniciados (Fase Final)

Porto, 0 — S. C. E. (A), 3
S. C. E. (B), 3 — Gueifães, 1
S. C. E. (A), 3 — Cast. Maia, 2
Coimbrões, 3 — S. C. E. (B), 2

Andebol

Campeonato Regional da 1.ª Divisão

Vitória, 15 — S. C. E., 18

Campeonato Regional de Juvenis

Porto, 22 — S.C.E., 10

Hóquei em Campo

Honra

Pasteleira, 0 — Académica, 2

Hóquei em Patins

TAÇA DE PORTUGAL

SENIORES

A. A. E., 10 — Ac. de Braga, 4

TORNEIOS DE ABERTURA

JUNIORES

Sanjoanense, 1 — A. A. E., 3

INICIADOS

A. A. E., 12 — Cer. de Valad., 4

INFANTIS

A. A. E., 5 — E. F. Norte, 0

De salientar que, com os resultados obtidos, as três equipas dos escalões mais jovens da A. A. E. asseguraram a presença na fase final dos torneios de abertura em que estão envolvidas. O trabalho dá os seus frutos...

ATLETISMO

Leitão e Ramiro homenageados

No passado dia 7, o S. C. E. promoveu uma homenagem ao seu atleta António Leitão e ao treinador deste, Jorge Ramiro. A sessão decorreu na sede do Clube, mas sem o número de assistentes que o valor dos homenageados merecia.

De assinalar entretanto o facto de se ter associado, na homenagem ao jovem Leitão, o seu treinador Jorge Ramiro, o que é da mais elementar justiça.

Pois se António Leitão se tem revelado como um jovem dedicado e de recursos inegáveis (lembre-se o seu comportamento em Moscovo e a sua vitória em França), a Jorge Ramiro deve-se uma grande parte destes êxitos pela acção que tem desenvolvido na secção de Atletismo do S. C. E. Diríamos mesmo que, desde que se radicou em Espinho, Jorge Ramiro foi um dos mais importantes dinamizadores locais da actividade desportiva, não só no atletismo mas também, e pelo menos, no andebol e basquetebol onde já assinalou, e bem, a sua presença.

VISTA OS SEUS FILHOS

NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

RIFAS DA NASCENTE

19.ª Semana

Extracção de 9 - 12 - 77

225	1.000\$00	Sérgio Alexandre Soares
025	100\$00	Maria Odete Barrosa
125	100\$00	Silvino Fidalgo
325	100\$00	José Marques da Silva
425	100\$00	Luís da Rocha e Carmo
525	100\$00	Maria Fernanda M. Soares
625	100\$00	Maria Julieta F. Oliveira
725	100\$00	Nascente
825	100\$00	Manuel Casimiro Pinto
925	100\$00	Sara Soares Gonçalves

Grande Festa de Natal para Crianças

Na PISCINA, tardes de sexta 23 e sábado 24

com Teatro, Fantoques, Cinema e Música e ainda exposição dos trabalhos e entrega de prémios do

CONCURSO DE NATAL

para crianças que enviem para a NASCENTE, até ao dia 20, desenhos, contos e poesias sobre o tema NATAL. Os prémios são divididos por dois escalões: dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos.

MARÉ VIVA

VOCÊ CONHECE BEETHOVEN?

O cantor dos tempos novos

«Um nome - não digamos um homem, uma obra - domina o séc. XIX. É o nome de Beethoven. Tem o peso, a autoridade, o brilho de um símbolo. Ocupa na história da música um lugar especial: o de um rei plebiscitado e conduzido ao trono pelo consentimento unânime dos povos». (Emile Vuillermoz).

Beethoven (1770-1827) surge num tempo histórico de viragem, num tempo de mudança profunda. E a sua obra é disso exemplo claro. Vive com emoção os ecos da Revolução Francesa, conhece a música que se cantava nas ruas de Paris. Toma para si os ideais de «Liberdade, Igualdade, Fraternidade», tão visíveis na «Ode à Alegria» do final da sua 9.ª Sinfonia.

Por isso se lhe chama o cantor dos tempos novos, vivendo o presente e conquistando o futuro. Com a música que compõe quer exprimir o que lhe vai

no íntimo, mas quer também transmitir de alguma maneira os ideais de transformação que inflamavam na altura as forças do progresso. Dedicou a sua 3.ª Sinfonia a Napoleão, por ver nele um libertador; rasgou essa dedicatória quando viu o imperador tornar-se um indivíduo ambicioso, prepotente e opressor.

A música de Beethoven é feita para os homens. Não é música de anjos: reflecte as contradições, os anseios, as buscas do autor e da sua época. Na sua música está o homem todo: está o arrebatamento, o delírio, mas também a calma, a reflexão, a paz duramente conseguida.

«Quero agarrar o Destino pela garganta!» - dizia ele. Queria mostrar, com a força enorme da sua música, o poder soberano do homem sobre os mitos, sobre as opressões e tiranias. O poder do homem sobre o seu próprio destino.

Uma vida difícil

Beethoven teve uma vida cheia, atribulada, intensa. Viveu-a com raiva, teimando em afirmar a sua forte personalidade mesmo quando as circunstâncias lhe eram adversas (e tantas vezes foram!). Foi ele que se fez a si próprio, com qualidades e defeitos, coerências e contradições, altos e baixos. Humano, profundamente humano.

Nasceu em 1770, em Bona, de família plebeia. Seu pai era cantor de capela e tentou, desde muito cedo, fazer do filho um menino prodígio. Beethoven depressa se tornou conhecido como executante, onde revelava notáveis qualidades de improvisação.

Como era costume na época, tornou-se protegido de famílias ricas, que lhe permitiam desenvolver o trabalho como compositor. Entretanto, ciente do seu real valor e da música que tinha para dar ao mundo, recusou-se a ser criado de príncipes e reis, como normalmente acontecia aos músicos. Fez ouvir a sua voz e exigiu fazer o que muito bem entendia porque, como dizia, «Príncipes há muitos mas Beethoven há só um». Tudo isso lhe trouxe dissabores, nomeadamente dificuldades económicas e uma reputação de

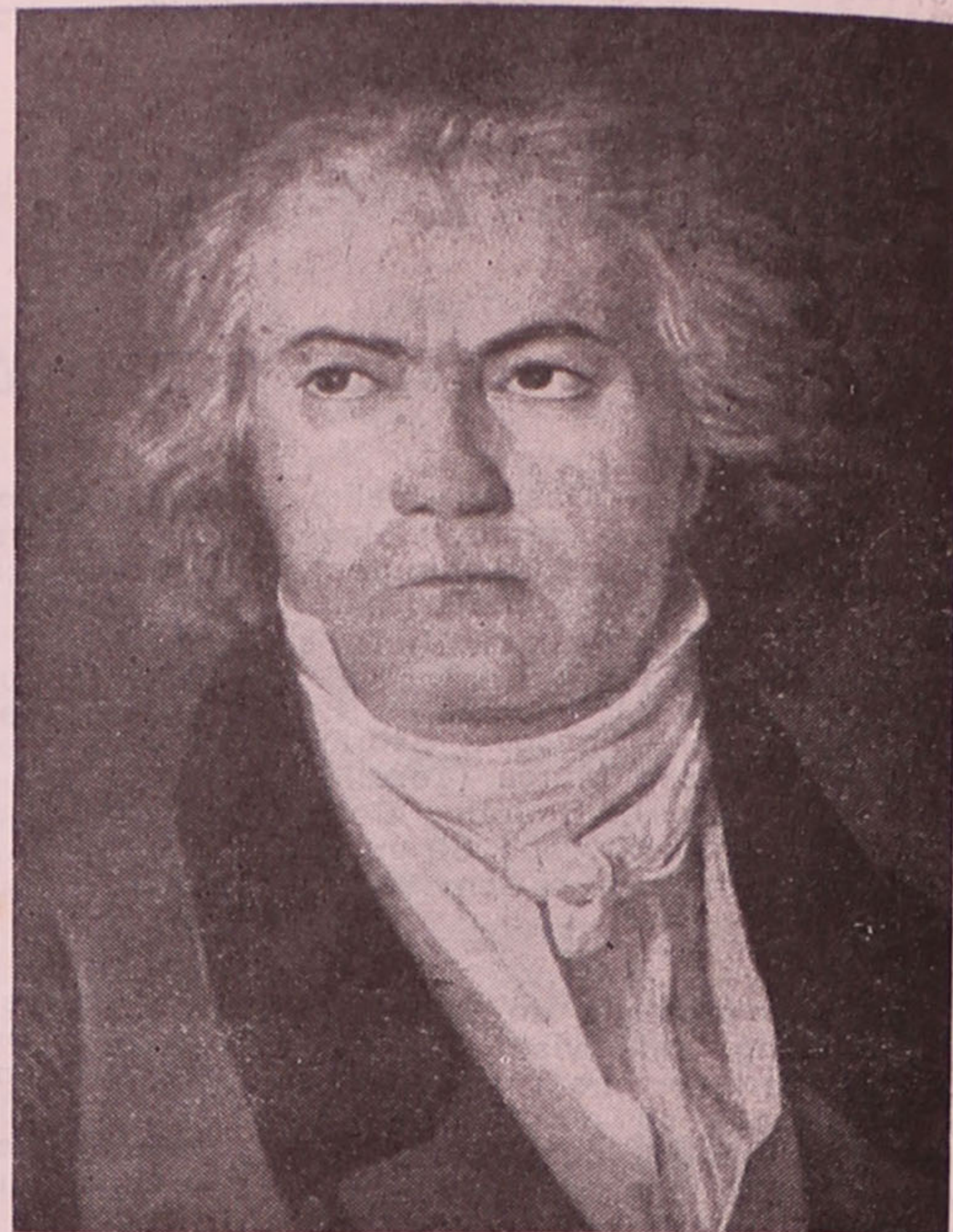
homem orgulhoso, intratável, só. O que não era totalmente verdade. Simplesmente, ele recusava-se a compor música «a metro», conforme os desejos dos senhores que lhe pagavam.

Aos 26 anos sentiu os primeiros sintomas da doença que o levaria à surdez. Coisa pior não podia acontecer a um músico. Fechou-se ainda mais sobre si próprio, fugiu da sociedade, dedicou-se com enorme vontade ao trabalho. Aos 49 anos ficou completamente surdo, mas continuou a compor. E era enorme a sua tristeza por ver a doença corroer-lhe a vida, quando tinha ainda tantos projectos a realizar.

Morreu com 57 anos, após um período de dolorosas provações físicas e morais. Não morreu em glória. Se muitos, durante a sua vida, prestaram homenagem ao seu génio impar, outros tudo fizeram para lhe negar as regalias a que teria direito.

Beethoven pôs-se firmemente contra a sociedade corrupta e mesquinha onde tinha de se movimentar, por isso pagou um preço elevado. Mas talvez tenha sido melhor assim. Ele próprio não se deve ter arrependido...

«PRÍNCIPES
HÁ MUITOS
MAS BEETHOVEN
HÁ SÓ UM»



«Beethoven faz-me sono»

«Não gosto de Beethoven! É música clássica, e a música clássica faz-me sono!»

Façamos uma experiência.

Vamos um dia a uma festa popular e cheguemo-nos ao pé do coreto de uma banda (que nunca falha!). Imaginemos que ela está a tocar, como normalmente sucede, uma abertura de Beethoven ou uma peça de Rossini. Olhemos à volta. Que vemos? Muita gente, gente simples do povo, com pouca instrução e cultura, segue com atenção a música até ao último acorde. No fim aplaude muito ou pouco, sorri de contente ou diz que não com a cabeça. E comenta com os amigos. Convidemos algumas dessas pessoas a irem a uma sala de espectáculos assistir a um concerto de uma orquestra sinfónica (com obras de Beethoven e Rossini). Não vão. «Isso não é para mim, não percebo nada dessas coisas!»

Vamos depois ao concerto da orquestra sinfónica. Veremos gente culta, bem vestida, com ar sisudo de quem percebe daquilo. No fim aplaudem de pé ou reagem com uma pateada, conforme os casos. Convidemos alguns deles a irem a uma festa ouvir um concerto de banda. Não vão. Devem olhar-nos com olhos muito admirados: «Uma banda?! Não apreço dessa música!...»

Dois situações bem diferentes,

dois grupos de pessoas bem distintos mas a mesma música. O mesmo Rossini, o mesmo Beethoven, apenas com um arranjo instrumental mais simples no caso da banda. A mesma música clássica!

Se muitas vezes as pessoas não gostam de certa música, é em grande parte pela maneira como ela é apresentada, pelo local, pelo ambiente, pela situação. Uma pessoa simples sente-se mal na sala de concertos. Aquilo não é o seu mundo. Nem aqueles são os seus músicos. Entretanto, muitos dos que tocam na orquestra são os mesmos (o João, o ti António, o Manuel) que no domingo seguinte animarão, na banda, a festa do padroeiro. Mas lá será diferente...

Por isso é que falar de música «clássica» é uma coisa complicada. Não é só o problema da música, são muitas mais coisas que lhe andam associadas. Coisas aparentemente pequenas mas que levam muita gente a não ir a um concerto, a não ouvir um disco ou um programa de música onde se toca Beethoven. E que, por outro lado, levam muita gente «fina» a comprar os discos mais caros, a não falhar um concerto, só porque isso lhes dá um ar de «gente bem», de «gente com bom gosto», de «gente com cultura». Mesmo que não sejam capazes de ouvir uma sonata sem dormir a sono solto...

Quer ouvir Música?

Beethoven, mais do que palavras, é música. Mais do que explicado, deve ser ouvido.

«Maré Viva», no sentido de completar esta página, vai levar a efeito um pequeno concerto com música de Beethoven. Será um concerto simples, informal, também com lugar para uma troca de impressões.

Se quer vir, é

Domingo, dia 18, às 18 horas, na Academia de Música de Espinho

Também os músicos serão espinhenses:

Violoncelo — GISELA NEVES

Piano — FAUSTO NEVES



PORTE
PAGO

Ilídio Martins da Silva
R: 33 - Bº Moderno - Espinho